

## Psicanálise na arte, a Arte na psicanálise: Parte 4<sup>1</sup>

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

No artigo anterior apontei que a partir da visão científica de Freud, as formações psíquicas superiores de que fazem parte a arte e a filosofia, seriam pelo viés analítico tratado nesses ensaios, tentativas intermediárias de “*criar compensações para a satisfação insuficiente das necessidades*”. Modos de *satisfações substitutivas* que partem do animismo primitivo de que são, de certa maneira, prolongamentos, antes que o sujeito possa alcançar o ideal do desenvolvimento adaptativo que seria oferecido pelo mundo mais racional. Sendo a ciência uma das ferramentas mais importantes para se conquistar esse desenvolvimento.

A rigor o animista toma a ordem da realidade pela ordem de seus desejos. Ou seja, nada existe de mais contrário ao espírito científico do que um comportamento inspirado por essa lógica.

Como já sublinhado, a arte não deixa de ser uma resposta a uma exigência pulsional. Resposta a uma instância interna do desejo humano que é desse modo racionalizado, sublimado e expresso como realizado no fazer artístico.

Podemos talvez exemplificar de modo magistral essa resposta interior, esse corresponder da arte ao forte apelo que vem de dentro, quando o grande Michelangelo Buonarroti esculpiu seu colossal Davi numa enorme rocha de mármore de Carrara entre os anos de 1502-1504. Uma das mais belas representações do corpo humano de toda a história da arte.

A escultura, um soberbo adolescente de mais de quatro metros e meio de altura, um jovem literalmente “escultural”, pode ser aqui interpretada psicanaliticamente, como uma sublime materialização em pedra do desejo homoerótico do escultor. Um belo representante desse desejo.

O ardor do artista pelo masculino se revela representado não só pelo seu mágico cinzel e inclemente martelo nessa obra prima, que diria quase divina, como também irá se expressar em várias de suas obras, cartas e poemas. Senão vejamos:

*"Percebo agora que não posso esquecer vosso nome assim como não posso esquecer a comida com a qual vivo — não! Antes eu poderia esquecer a comida com que vivo, que infelizmente alimenta apenas o corpo, mas não vosso nome, que nutre minha alma e meu corpo, enchendo ambos de tamanho deleite que me torno imune à tristeza e ao*

---

<sup>1</sup> Artigo escrito em 03/09/2018

*medo da morte, isso enquanto vossa memória dura em mim. Imaginai se o meu olho estivesse também fazendo sua parte, (uma referência à distância física) o estado em que eu me encontraria!"*.<sup>2</sup>

Essa é uma breve carta que Michelangelo enviou a *Tommaso dei Cavalieri (1509-1587)*, um dos homens que irá ocupar um lugar maior na sua vida amorosa. Trata-se de um jovem, que na época contava 17 anos.

Dirá dele o historiador e poeta italiano *Benedetto Varchi (1503-1565)*: *“de um temperamento calmo e despretensioso, uma fina inteligência e educação, de uma beleza incomparável; que por tais qualidades merecia o amor de quantos o conhecessem”*.

Pergunto: a despeito de Tommaso ter nascido após a concepção do nosso Davi, não seria esse jovem alguém que poderia pelos seus dotes inspirar tanto amor? Quantos de nós ao “conhecer” tal escultura não se posta extasiado pela sua incomparável beleza? Eu mesmo fui um. Amor à primeira vista. Diante da magnânima escultura “meu queixo caiu” literalmente.

Uma carta de Michelangelo enviada a um amigo, *Sebastiano del Piombo*, expressa toda uma realidade distante de seu alcance, as suas *“necessidades insatisfeitas”*:

*“Se o vires, imploro-te que me recomendes a ele mil vezes, e quando tu me escreveres diz-me algo a seu respeito para eu ter o que colocar na mente, pois se eu o esquecer creio que no mesmo instante cairei morto”*.<sup>3</sup>

Michelangelo escreveu para Tommaso cerca de quarenta poemas, presenteou-o com inúmeros desenhos, e foi o único de quem teria pintado um retrato (obra desafortunadamente desaparecida). Indiscutivelmente uma de suas grandes paixões.

Se Michelangelo teve casos concretos de amor, se refreou seus sentimentos e reprimiu suas necessidades, se fugia da consumação carnal realística de seus impulsos sexuais, se aceitava o amor entre homens e mesmo os estimulasse, se aprovava ou não o contato físico, ou ainda, se viveu, sob a forte influência de sua época, o amor numa visão humanista neoplatônica onde o elevava ao plano espiritual; não cabe aqui abordar, pois são questões que dizem respeito aos que se interessarem pela biografia desse grande mestre do Renascimento.

---

<sup>2</sup> Ryan, Christopher. *The poetry of Michelangelo; na introduction. The poetry of Michelangelo: an introduction.* Fairleigh Dickinson University Press, 1998. pp. 94-95

<sup>3</sup> idem

O que importa é que esse conflito entre amor carnal e espiritual, entre o que é terreno e celestial, vulgar e sublime; sagrado e profano; toca a todos nós humanos. Sobretudo quando as circunstâncias externas não favorecem o manifestar de nossos impulsos mais básicos ou até mesmo, os interdita. É sabido que a opinião pública sobre a homossexualidade no século XVI era bastante negativa; em Florença os homossexuais podiam ser presos, castrados ou até mesmo condenados à morte.

Ora, se como nos mostrou Freud há dois caminhos pelos quais podemos descarregar nossos impulsos: ou “*pela dominação do mundo exterior*” extraindo a satisfação diretamente do mundo externo, ou pela busca do alívio “*dessas tendências afetivas insatisfeitas nas produções culturais*”; não é muito difícil imaginar que para o grande gênio criativo de Michelangelo, a segunda rota parecia totalmente aberta e afeita. Sua arte tornar-se um instrumento portentoso para a sua descarga pulsional. Caminho de descarga escolhida pelo mestre para a sorte de nossa civilização. Transforma desse modo seus amores mais comezinhos em amores universais. Afinal, só mesmo através da linguagem artística podemos fruir beleza, por exemplo, de uma situação de enorme violência como o episódio bárbaro e mesmo lendário da história da fundação de Roma. Me refiro ao *rapto das Sabinas*, imortalizada na bela escultura de *Giambologna (1574-1583)*.

Esse o efeito mágico da arte. Pois ela corresponde a uma das mais autênticas e bem sucedidas estruturas remanescentes do primitivo animismo da humanidade. Graças à beatificante ilusão artística, vivenciamos os mesmos efeitos afetivos como se fosse da ordem do real. A arte é, nesse sentido, o reinvestimento desse animismo.

E nesse ponto teremos que pensar em duas dimensões de enorme importância para a civilização e que estão em perene diálogo quando não em conflito: trata-se da dialética entre o desejo e a realidade.

Se muitas vezes o desejo humano se impõe pela sua onipotência, como na atitude animista revivida na fruição artística, outras tantas, esse desejo admite sua limitação diante da realidade. Portanto nem sempre desejo e realidade andam juntas, e podem mesmo seguirem caminhos diametralmente opostos.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).